



ESTUPRO

Sônia chegou em casa e desabou a chorar, ao colocar os pés na sala de estar se jogou aos braços de sua mãe, Silvania que não se conteve e também suas lágrimas denunciaram a dificuldade e tristeza que sentiam. Seu pai, Álvaro Almeida, um pequeno empresário de aproximadamente quarenta e cinco anos, baixou a cabeça e retirou-se daquele cômodo, deixando-as em paz.

Sexta-feira, nove de julho de 2010, uma sexta-feira como qualquer outra, chuvosa e com um clima um pouco mais frio do que a média. Nesta tarde Sônia aproveitou para um encontro com amigas no shopping Avenida Center, localizado na região central de Dourados, ali perto da estação rodoviária.

Sônia, muito bem vestida, como sempre acontecia, estava sentada em uma mesa da praça de alimentação aguardando suas velhas amigas: Larissa, Clara e Bete, quando chegou Juninho, um antigo namorado. Assim que viu Sônia, ele a cumprimentou – como fazem os jovens – e sentou-se ali naquela mesa com ela. Após algum tempo de um bate-papo empolgante saíram de mãos dadas daquele local. Juninho e Sônia haviam namorado cerca de dois anos quando terminaram, mais por decisão dela do que dele, afinal ela queria alguma coisa um pouco mais séria e ele – ao contrário – queria aproveitar a vida, ou “curtir a vida” como dizia. Filho de um delegado da cidade, sabia aproveitar muito bem sua mocidade, sendo que em algumas vezes inconseqüente, mas isto não era problema, pois o Sr. Demóstenes conseguia sempre livrar o garoto das garras da lei e assim se passava um dia após o outro.

Soninha, nome carinhoso que o Junior e também suas amigas a chamavam pegou emprestado o celular do garoto e ligou para Clara – uma de suas amigas – dizendo que estaria ocupada e que as encontraria mais tarde. Havia programado um happy hour e também assistiriam a um filme no cinema do shopping, coisa que Sônia adorava fazer. Clara quis saber detalhes, pois achou estranho o número que ela estava utilizando, mas Soninha desligou rapidamente o celular dizendo que depois se falariam. A bordo do Chevrolet Captiva foram para o apartamento de um amigo de Junior, Allan, amigo de velhos tempos e que – filho de um grande empresário das comunicações da região – sabia muito bem “curtir a vida”, talvez ainda melhor que o próprio Junior.

- Porque demorou cara. – Disse Allan, abrindo a porta de seu apartamento.
- Não esquento meu. A Sônia está comigo e ela se atrasou um pouquinho.
- Não vamos fazer barulho, minha mãe não está muito bem e tá no quarto deitada. Talvez dormindo.
- Oi Allan. – Disse Soninha que já o conhecia da época em que namorava o Junior.
- Oi! – Respondeu secamente o garoto.
- Vamos pro meu quarto, podemos ficar mais a vontade lá. – Sugeriu Allan aos demais.
- Ok. – Disse Juninho.
- Ok. – Concordou a garota.
- Vão indo, vou pegar uns copos na cozinha. – Disse já indo à cozinha o Juninho.
- Tá bom. – Respondeu Sônia.



Sônia e Allan foram para o quarto enquanto Junior pegava alguns aperitivos na geladeira e também os já comentados copos. Junior tinha um costume de sempre – dia ou noite – usar boné o que talvez escondesse um pouco o que se passava por seus olhos. Era um verdadeiro vício.

Chegando ao quarto Junior colocou os copos numa mesinha que haviam improvisado e retiraram de uma mochila algumas garrafas de bebida, as quais não continham rótulos. Abrindo uma das garrafas se juntou aos outros dois colegas na cama do Allan, pois já tinham colocado um filme no home theater para ser visto. A conversa entre os três parecia animada.

- Toma um copo pra você cara. – Disse Allan entregando um copo cheio daquela bebida para o Junior. – Este é pra você Soninha. – Completou entregando um copo também para a garota.

- Não sei se devo tomar isso. – Disse a menina meio que encabulada.

- Não esquentar não. Toma sim. Não tem nada de mais é só uma bebidinha, você vai gostar e eu tô aqui com você. – Insinuou Juninho.

Nisto Allan já havia tomado dois copos daquela bebida adocicada que tantas garrafas havia e enchia novamente o copo do seu colega. Nisto a garota entendeu que poderia também tomar que nada lhe faria mal.

Alguns minutos depois a menina se encontrava entorpecida e então os dois jovens se olharam e...

- Eu vou primeiro. – Disse Allan, insinuando possuir Sônia antes do Junior. – Afinal você já foi namorado dela e deve ter provado esse corpinho gostoso.

- Engano seu, essa filha da p... nunca deixou eu encostar nela e se acha que vai primeiro está muito enganado, eu a conheço, eu a trouxe aqui, então o troféu é meu.

Nervoso Allan reagiu empurrando o colega. – O apartamento é meu, então a preferência é minha meu chapa.

- Eh cara! Ta chapado também. Calma... calma, vamos devagar. Eu tenho a preferência, eu tentei por muito tempo comer esta “nega” e agora tenho a chance e não vou perder... e não tente passar a perna em mim, que você sabe do que eu sou capaz meu...

Eles a deitaram e selvagemmente rasgaram suas roupas, ela realmente era uma linda garota, um poço de pecado adormecido, linda em todos os seus sentidos e virgem, o que fazia que o troféu valesse ainda mais. Por alguns rápidos instantes Junior pensou em recuar apenas observando aquela garota indefesa sobre a cama, ali deitada nua e linda, parecendo um anjo adormecido, mas foi apenas um rápido pensamento, pois passou as mãos pelo rosto e avançou – como um selvagem – sobre aquela moça indefesa.

- Alô Márcia, tudo bem! Aqui é a Sylvania. A Sônia se encontra?

- Não amiga, já faz algum tempo que eu não vejo a Soninha. Hoje mesmo Clara me disse que talvez elas iriam se encontrar no shopping no final da tarde, mas não falei mais com a Clara.

- É ela me falou sobre isto, mas já é tarde e não me ligou mais.

Sylvania, a mãe de Sônia já estava preocupada com a falta de notícias de sua filha, afinal ela geralmente não ficava sem avisá-la de suas saídas, sempre comunicava sua mãe de onde estaria e sempre cumpria os horários determinados, além do mais a preocupação



aumentava, pois o celular de Sônia se encontrava desligado. Inconformada Silvania continuou ligando para as mães de outras amigas de Sônia, também para os hospitais da cidade, além do corpo de bombeiros, mas não conseguia nenhuma informação. O sr. Almeida também não havia chegado em casa e já se passava das dez horas da noite, mas como sempre ele tinha muito trabalho e sempre chegava tarde. Ela resolveu ligar para o marido.

- ... eu sei disso meu caro, mas precisamos fazer esta reunião com o pessoal do banco com certa urgência, minha loja já está pequena e eu preciso começar a construir... – discutia Almeida com seu advogado ao telefone, quando seu celular tocou e sua esposa estava desesperada.

-... só um pouquinho Gustavo, minha esposa está ao celular... já nos falamos.

- Oi querida... o que foi?

- Almeida, Soninha! Não consigo falar com ela, não consigo nenhuma informação dela, estou preocupada, já liguei pra todas as amigas que conheço, pros hospitais e nada. Ela não deixa de dar notícias.

- Calma Silvania, não adianta ficar assim já ligou para...

- ... sim, já liguei pra todos, e nada... nada. Não sei o que fazer.

- Calma querida, já estou indo pra casa... logo, logo vamos ter notícias... te amo! – Depois Almeida terminou de falar com Gustavo e lembrou para que marcasse a tal reunião com o pessoal do banco, se possível para o começo da próxima semana. Ele tinha pressa em conseguir o empréstimo para a construção de nova fábrica.

- Ai que delícia essa virgenzinha...

- ... agora é minha vez Junior, sai daí cara.

Também como um animal Allan praticamente se tornou um único corpo com o de Sônia... Depois de alguns minutos – satisfeito – Allan gritou ao colega, “anda cara, liga logo pro Alvinho, manda ele vir pra cá... aproveitar também.

Por volta das duas horas da manhã do dia dez de julho Sônia acorda e percebe que está deitada no chão da cozinha, provavelmente do apartamento que anteriormente tinha chegado, assistido ao filme e bebido aquela bebida estranha que não lhe diziam o que era. Os garotos não estavam por ali, olhou ao redor e nada, ninguém, pegou seu celular e desistiu, pois se lembrou de que estava sem bateria. Olhou as horas... então uma preocupação lhe fez lembrar do encontro com suas amigas no shopping, bem como de sua família, que deveriam estar loucos procurando por ela.

Dores de cabeça e roupas rasgadas foram suas primeiras impressões quando se ateu a observar seu corpo... manchas e hematomas no pescoço e nas costas, também nos braços... e... sangue no chão... e seu sexo estava...

Olhando melhor viu que três pessoas desconhecidas se aproximavam dela e ajudaram Sônia a se levantar e a sentar em uma pequena poltrona que trouxeram da sala.

- Quem são vocês? – Soluçando foi a primeira pergunta que lhe veio a mente.

- Filha... – Disse a mulher mais velha – você está machucada, tome este remédio e vamos tentar nos acalmar.

- Não, não quero nada, quero saber o que aconteceu comigo. Me dá um pouco d’água.



Na cozinha estava uma senhora, a mãe do Allan, uma amiga dela e um senhor de meia idade, namorado desta amiga.

- Menina, você vai ter que arrumar uma bela história para convencer seus pais. – Incinuu o homem. – Qual o número de telefone deles vamos ligar para que venham lhe buscar.

- Espere. – Interrompeu a amiga. – Precisamos encobrir bem estas manchas em seu pescoço e braços, me dá aquele creme que você tem aí. As outras marcas podem ficar assim.

- Pai, por favor venha me buscar. – Almeida atendeu ao telefone de sua casa, e sentiu que sua filha não estava nada bem. Ao anotar o endereço saiu às pressas em seu carro e cruzou a cidade em busca de sua filha. Ele preferiu deixar Silvania em casa, pois estava muito fora de si.

Claro, quando o Sr. Almeida viu sua filha daquele jeito rumou para a delegacia de polícia mais próxima e registrou a queixa. Também foi ao hospital para que dessem os primeiros atendimentos em sua filha.

Depois, já de madrugada foi para casa levando sua filha, soluçando no banco do carona, mas fez todo o percurso sem dizer qualquer palavra. Chegando a casa desabou a chorar nos ombros de sua mãe. Silvania que não se conteve, deixou que as lágrimas emergissem de seus olhos, enquanto que o senhor Almeida, baixou a cabeça e se retirou da sala, deixando-as em paz.

Os dias se passaram e não havia nenhuma informação de como estava o andamento do processo. O senhor Almeida, realista, não acreditava que poderia haver punições para os jovens abusadores. Mas tinha que manter as esperanças acima de tudo. Num final de semana, numa tarde ensolarada ele discutia com sua esposa o assunto.

- Minha querida, recebi uma ligação me ameaçando. Querem que retiremos a denuncia que fizemos o Allan e do Junior.

- Mas isto não pode acontecer Almeida! – Exclamou Silvania indignada.

- Eu sei... eu sei, mas já aconteceu. No começo não dei muita atenção mas refletindo melhor estou preocupado.

- Que mundo nós vivemos? Será que estes irresponsáveis não vão pagar?

- No mundo dos humanos Silvania. Eles são poderosos e acho que nossa denuncia não vai dar em nada, sinceramente. Você já viu algum rico ir pra cadeia? Seja sincera.

- Não vamos tirar a denúncia Almeida.

- Não queria não vou, apenas estou tentando lhe mostrar que o que fizemos vamos levar até o fim e que precisamos proteger nossa filha, mas quero apenas lhe mostrar que talvez tudo o que estamos fazendo seja perda de tempo. Apenas isto.

- Mas nossa responsabilidade como pais vai até o final Almeida.

- Claro. – Após uma pequena pausa o Sr. Almeida continuou. – Eu percebi que naquela noite em que fui com a “baby” na delegacia havia um carro me seguindo e possivelmente deveria ser de um desses delinquentes, mas isto não vem ao caso, pois eles receberiam a intimação pela polícia.

- Sabe Almeida, eu não tenho nenhuma raiva deles ou da família deles, quero que – como mãe – eles paguem pelo que fizeram com nossa filha. Você não quer?

- Não tenha dúvidas. Não podem ficar imunes. Depois ainda temos que nos preocupar com a saúde de nossa filha, tudo o que aconteceu não vai desaparecer do dia para a



noite, talvez Silvania, nunca desapareça e também pode ser que a Soninha tenha sérios problemas. Precisamos estar sempre presentes.

- Você vem falar isso pra mim. Eu sei de tudo isso e é muito grave Almeida, muito grave mesmo. Nós precisamos estar do lado dela sempre e acho que – antes de tudo – precisamos sair desta cidade por uns tempos, até que baixe a poeira ou que as investigações evoluam.

- Claro. – Nisto Silvania baixou a cabeça e ficou pensativa. Almeida então continuou. – Você também deveria procurar alguma ajuda, isto tem lhe afetado muito e me preocupo com você também... Mas não tenho certeza de que evolua com a rapidez que gostaríamos.

- Mas vão evoluir Almeida, é importante e algo precisa ser mostrado para esta sociedade.

- Não sei não. Não sei não. Essas delegacias que temos aqui em Dourados não são capazes nem de ... deixa pra lá. Eu não acho que vão punir nem o tal de Allan e nem o Juninho, seus pais são muito poderosos, tem muito dinheiro e... você sabe o que penso da polícia e a nossa polícia não é diferente das demais.

- Eu sei Almeida. Eu sei, e você deve ter cuidado com o que diz... o pai do Juninho é delegado de polícia... Vamos ver nossa filha.

- Vamos... mas você também se lembra do que o delegado Silveira nos disse de que seria muito difícil isto dar em alguma coisa. Se o próprio homem da justiça diz isso...

- Sei também Almeida que uma mentira dita várias vezes acaba se tornando uma verdade. Não é?

Almeida ficou quieto, apenas acompanhou sua esposa ao quarto de sua filha.

Três dias depois Silvania e Sônia se despediam do senhor Almeida e saíam de viagem conforme combinara. Aproveitaram para visitar alguns parentes antes “desaparecidos” e vários lugares turísticos em outros estados.

O dia amanheceu com uma ventania que não deixava nada no lugar, as donas de casa que o digam. O céu cheio de nuvens previra uma forte chuva mas que não aconteceu, e o vento que tanto incomodava a todos só deu uma trégua no final do dia, por volta das dezoito horas, isto marcou o dia do retorno de Silvania e Sônia. O reencontro com o Sr. Almeida – depois de mais de seis meses de viagem - foi duma alegria só, principalmente quando ele abraçou sua querida filha e pode sentir que seu primeiro neto se aproximava. Em casa contaram as alegrias da viagem e todos os fatos curiosos, mas logo Soninha quis saber como estava o andamento do processo que moviam contra os rapazes que na noite de 09 de julho a estuprara. A principio seu pai disse que já havia dito quase tudo ao telefone, nas vezes que se falavam, e que sinceramente não estava vendo nenhuma evolução convincente na resolução do caso. Também tinha ficado sabendo que os garotos tinham viajado ao exterior já a algum tempo e nunca mais teve notícias deles.

- Eles ainda vão pagar papai. Vão sim.

- Oh minha querida, queria ter a mesma confiança que você tem. Você se lembra daquele escândalo da operação Owari em que envolveu o prefeito da época, a maioria de seus assessores e um bando de grandes empresários da cidade?

- Me lembro sim papai.

- Deu em alguma coisa até hoje minha filha? Não, não deu em nada. E isso que a imprensa a todo momento pegava no pé do acontecimento, enchiam as paciências com tanta notícia, saiu na televisão, na internet, nos jornais, em todo lugar, até parecia



mesmo que ia ser feito alguma coisa e que tudo ia mudar, que ia ter uma limpeza na safadeza da política... mas o que deu até agora? A imprensa achou outros acontecimentos e deixou este de lado e assim é toda vez. O dinheiro fala mais alto em tudo, não adianta. E agora, neste caso que a imprensa tenta acobertar tudo. O que se pode fazer? – Continuando disse ainda – Filha, isso tudo dói tanto em mim quanto em você ou mesmo em sua mãe, mas não é isto que vai mudar o mundo de uma hora para outra só porque aconteceu em nossa família. Temos que saber que o mundo é mais cruel do que gostaríamos minha filha.

O tempo passou, pouco mais de dez anos separavam a família Almeida daquele nove de julho de 2010, o filho de Sônia se destacava na escola e era querido por todos da família. Sônia se destacou em sua formação acadêmica e tornou-se uma juíza de respeito em Dourados. Levava uma vida cheia de trabalho e com pouco tempo para diversões, também não tinha nenhum – neste período – namoro sério e quando questionada pelas amigas e amigos quando se casaria, apenas desviava do assunto. O Sr. Almeida conseguiu o financiamento que tanto precisava para a construção da nova fábrica e já estava exportando seus produtos para outros estados brasileiros. Sylvania, ainda sofria o tormento do crime acontecido com sua querida filha e vivia constantemente sobre efeito de remédios e contava constantemente com a presença do marido.

Os garotos... bem, os garotos nunca mais – pelo que se sabe – retornaram para Dourados e até hoje não houve qualquer decisão quanto ao processo de estupro e atentado ocorrido naquela sexta-feira á noite contra a jovem Sônia. A esperança – mesmo depois de dez anos – continua existindo.

Walter Veroneze
26.07.2010.